

Do cosmopolitismo ao compromisso ético: o exílio na ficção de Antonio Muñoz Molina

Ana Paula de Souza¹

Resumo: Para Edward Said (2003, p. 46), o exílio é um tema recorrente na cultura moderna ocidental. Antonio Muñoz Molina (Úbeda, Espanha, 1956) não é um escritor exilado, mas o exílio, nos seus mais diversos desdobramentos, é uma constante em sua ficção. Este artigo tem por objetivo mostrar como nos romances *Beatus Ille*, *El invierno en Lisboa*, *Beltenebros*, *El jinete polaco* e *La noche de los tiempos*, o autor provoca reflexões sobre o fenômeno psicossocial do exílio, abordando-o sob as mais diversas perspectivas: a negação da nacionalidade e a opção voluntária pelo exílio; o sentir-se eterno apátrida; o dilema da vida mantida em suspenso no entre lugar; o sentir-se acolhido na pátria em que se descobre o amor; o desejo de ser eterno estrangeiro e a constatação da impossibilidade de sê-lo; a contradição de se reconhecer estrangeiro no próprio país ante o esfacelamento da unidade nacional em identidades regionais. Após essa introdução panorâmica, este trabalho enfocará mais detidamente o romance *Sefarad*, uma obra construída a partir da memória dos exilados, na qual Muñoz Molina não apenas propõe reflexões sobre o exílio como fenômeno social resultante das experiências traumáticas do século XX, como também transforma o conceito em uma metáfora para representar outros dramas do homem contemporâneo.

Palavras-chave: Exílio; Antonio Muñoz Molina; Narrativa espanhola contemporânea.

Resumen: Para Edward Said (2003, p. 46), el exilio es un tema recurrente en la cultura moderna occidental. Antonio Muñoz Molina (Úbeda, España, 1956) no es un escritor exiliado, sin embargo, el exilio, en sus más diversos desdoblamientos, es una constante en su ficción. Este artículo tiene por objetivo mostrar como en las novelas *Beatus Ille*, *El invierno en Lisboa*, *Beltenebros*, *El jinete polaco* y *La noche de los tiempos*, el autor provoca reflexiones acerca del fenómeno psicosocial del exilio, aportándolo bajo las más diversas perspectivas: la negación de la nacionalidad y la opción voluntaria por el exilio; el sentirse eterno apátrida; el dilema de la vida mantenida en suspenso en el entre lugar; el sentirse acogido en la patria en la que se descubre el amor; el deseo de ser eterno extranjero y la constatación de la imposibilidad de serlo; la contradicción de reconocerse extranjero en el propio país ante el fragmentación de la unidad nacional en identidades regionales. Tras esa introducción panorámica, este trabajo enfocará más detenidamente la novela *Sefarad*, una obra construida a partir de la memoria de los exiliados, en la que Muñoz Molina no apenas propone reflexiones sobre el exilio como fenómeno social resultante de las

¹ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária - IEL/UNICAMP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso - FAPEMAT.

experiências traumáticas del siglo XX, sino que también transforma el concepto en una metáfora representativa de otros dramas del hombre contemporáneo.

Palabras clave: Exilio; Antonio Muñoz Molina; Narrativa española contemporánea.

1. Exílio: temática recorrente na narrativa de Antonio Muñoz Molina

“A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados”, é o que afirma Edward Said (2003, p. 46) em *Reflexões sobre o exílio*. Antonio Muñoz Molina (Úbeda, Espanha, 1956)² não pertence a esse universo de intelectuais desterrados, mas o exílio, esse assunto que, no dizer de Said (2003, p.46) é um “[...] tema vigoroso – enriquecedor, inclusive – da cultura moderna [...]”, é representado na ficção do escritor andaluz sob diferentes perspectivas. Em romances da fase madura de Muñoz Molina, como *Sefarad* (2001) e *La noche de los tiempos* (2009), ao abordar o exílio, o escritor confere à sua produção literária uma dimensão ética de compromisso para com as vítimas do traumático século XX. Em outros romances, como os publicados na primeira década da carreira do autor, o exílio surge como condição inequívoca do homem contemporâneo, como moldura para retratar o “sujeito descentrado” de que fala Stuart Hall (2005, p. 34)³.



² Estudou Geografia e História na *Universidad de Granada*, especializando-se em História da Arte. No início dos anos 1980, começou a publicar artigos no *Diario de Granada*, trabalho que gerou seu primeiro livro, *Robinson Urbano*, uma coletânea de artigos publicada em 1984. Em 1986, veio a público seu primeiro romance, *Beatus Ille*. Membro da *Real Academia Española* desde 1996, sua ampla produção literária compreende romances, folhetim, novelas, contos, ensaios, artigos e crônicas. Colabora nos periódicos *ABC*, *El país*, *Muy interesante* e *Scherzo*. Atuou como professor visitante nas universidades americanas de *Virginia*, *City University* e *Bard College*.

³ Segundo Hall, o “sujeito descentrado” é aquele cuja identidade reflete as coordenadas sócio-históricas da pós-modernidade ou da modernidade tardia. A identidade desse “sujeito descentrado” contraria a perspectiva de um ser perfeitamente atado à cultura social que o cerca, como na concepção moderna de identidade. A identidade na pós-modernidade é fragmentada, variada, aceita contradições internas e é passível de

Em seu texto, Said reconhece o carácter insuperável e incompreensível da condição de exilado, mas alerta para o fato de que essa experiência pode ser encarada a partir de uma postura menos ressentida: “O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões [...]” (SAID, 2003, p. 58).

Um exemplo dessa postura descentrada, desiludida perante o nacional, é o que temos em *Beatus Ille* (1986), romance de estreia de Muñoz Molina. O narrador-protagonista, o poeta republicano Jacinto Solana, é destas pessoas naturalmente desterradas, que não pertencem a lugar algum, conforme observa de forma irônica seu amigo, o personagem Orlando: “Solana, hermano mío, judío errante, ¿estás seguro de que tu padre no es cristiano nuevo? Porque si no lo es no me explico ese destierro tuyo, ese no ser de ninguna parte ni de nadie [...]” (MUÑOZ MOLINA, 1994, p. 191).

Decepcionado com os rumos que a Guerra Civil Espanhola tomava em 1937, e despojado do heroísmo que levava os idealistas republicanos ao fronte de batalha, o personagem afirma preferir o exílio, a estrangeiria: ““Qué más quisiera yo que poder marcharme. No a París, como vosotros, sino mucho más lejos, y no volver nunca, o únicamente cuando ya fuera un extranjero y lo pudiera mirar todo como un extranjero.”” (MUÑOZ MOLINA, 1994, p. 188)

Na segunda narrativa de Muñoz Molina, o romance negro *El invierno en Lisboa* (1987), o protagonista, o pianista de jazz Santiado Biralbo, é outro personagem representativo dessa existência extraterritorial. Construído de forma a ser um cidadão universal, nenhum traço na caracterização do personagem o vincula à Espanha. Enquanto vive e toca em seu país de origem, a vida do pianista é de frustração e fracasso. Ao assumir sua condição de expatriado, tocando em diversos lugares da Europa e da América do

mudanças ao longo da vida do indivíduo. Nunca é uma identidade bem resolvida, é sempre problemática.

Norte, o protagonista vê sua carreira ascender. Julia Kristeva (1994, p. 16) afirma poeticamente que “a partir do momento em que os estrangeiros têm uma atitude ou uma paixão, eles fixam raízes”. Eis o que acontece com Santiago Biralbo. Quando o pianista se encontra em Lisboa, consciente da impossibilidade da realização amorosa, mas mais consciente do que nunca de sua arte, encontra, por fim, uma nação: “[...] Lisboa era la patria de su alma, la única patria posible de quienes nacen extranjeros.” (MUÑOZ MOLINA, 2010, p. 144)

Na voz do personagem Billy Swann, o trompetista americano mentor de Biralbo, Muñoz Molina encena o conflito entre indivíduo e nacionalidade: “[...] uno de los axiomas de Billy Swann era que todo hombre con decencia termina por detestar el país donde nació y huye de él para siempre sacudiéndose el polvo de las sandalias.” (MUÑOZ MOLINA, 2010, p. 145)

Ambientado na Espanha do início dos anos 1980, período da abertura democrática, o romance traz, no discurso do personagem Maraña⁴ dirigido a Biralbo, um certo tom de ressentimento para com o país:

No le queda (a Maraña) nostalgia de España, esa tierra de ingratitud y de envidia que condenaba al destierro a quienes se rebelaran contra la mediocridad: ¿no era también él, Biralbo, un desterrado, no había tenido que irse al extranjero para triunfar en la música? (MUÑOZ MOLINA, 2010, p. 208)

Passada a fase de escritor estreante e já gozando de certo reconhecimento tanto do público quanto da crítica, de forma consciente ou não, Muñoz Molina passa a criar personagens menos confortáveis com a condição de estrangeiros. Cada vez mais, o autor representa em sua ficção os dilemas do exilado. No romance de espionagem *Beltenebros* (1989), o protagonista Darman é um oficial

⁴ Maraña é um espanhol que vive há muito tempo em Portugal e, a pedido de Lucrecia, a amante de Biralbo, ele providencia para o protagonista uma nova identidade que lhe permitirá escapar dos bandidos que o perseguem. A partir de então, o pianista se chamará Giacomo Dolphin.

comunista do Exército Republicano que, depois de sentir na pele a humilhação e a indiferença de ser um fugitivo da Guerra Civil Espanhola nos campos de concentração franceses, torna-se membro de uma organização clandestina de resistência ao Regime Franquista, sendo então condenado a viver fora de seu país natal. Alegorias como a do “fantasma”, da “sombra” e do “morto em vida” são mobilizadas pelo autor para reproduzir ante o leitor a angústia existencial do personagem. Fadada à clandestinidade, sua vida é uma existência transitória, vivida no entre-lugar:

Es verdad que entonces me pasaba la mitad de la vida en los aeropuertos, y como en ellos ni el tiempo ni el espacio son del todo reales, casi nunca sabía exactamente dónde estaba y vivía bajo una tibia y perpetua sensación de provisionalidad y destierro, de tiempo cancelado y espera sin motivo. (MUÑOZ MOLINA, 1989, p. 13 – 14)



No autobiográfico *El jinete polaco* (1991), tudo o que queria Manuel, o protagonista, era ser estrangeiro, deixar a Espanha e viver à deriva. Esse era o sonho do adolescente rebelde, sufocado pela atmosfera asfíxica da cidadezinha de província. Na vida adulta, Manuel é um tradutor e intérprete que tem sua residência fixada em Bruxelas mas que, devido ao seu trabalho, está sempre de passagem por diversas cidades da Europa e da América. Acompanhado pelos mesmos sentimentos de solidão e medo que o definem desde a infância, e acometido pela culpa de estar sempre ausente, o protagonista se sente um eterno estrangeiro. Se nos primeiros romances, os personagens criados por Muñoz Molina ansiavam ou aceitavam a condição de estrangeiros, para o protagonista de *El invierno en Lisboa*, a estrangeira é uma marca indelével, impossível de ser apagada:

Siempre se lo digo a Félix: los extranjeros no son como nosotros. Uno aprende sus idiomas, esconde como puede su complejo de inferioridad español, imita sus costumbres, adopta sus horarios y se habitúa a vivir en sus ciudades, pero da igual,

no acaba nunca de entenderlos, jamás será uno de ellos.
(MUÑOZ MOLINA, 2001a, 406)

O sonho adolescente de desarraigo já não satisfaz Manuel e a maturidade chega para o personagem com a percepção de que já não é mais possível viver como um estrangeiro permanente, e de que talvez, a viagem de regresso seja incontornável: “[...] por más que uno quiera uno tiene un solo idioma y una sola patria, aunque reniegue de ella, y hasta es posible que una sola ciudad y un único paisaje.” (MUÑOZ MOLINA, 2001a, p. 355)

O personagem Galaz, pai da heroína Nadia, namorada de Manuel, é um ex-comandante do Exército Espanhol que, em 1936, nega-se a aderir ao golpe dos rebeldes nacionalistas, deserta, foge e constrói uma nova vida nos Estados Unidos. No exílio americano, o personagem presenteia a filha com mascotes e brinquedos típicos da Espanha, lê e canta para ela contos infantis e canções de seu país de origem, num esforço de recriar no imaginário da criança a pátria perdida:

[...] con la esperanza o el propósito de que volvieran a existir en la infancia y luego en la memoria de su hija, para ofrecerle sigilosamente una patria íntima, orgullosa y limpia de desgracia y tinieblas que sólo existiría en su imaginación: [...] un país inventado por el desarraigo perpetuo y el dolor sin palabras ni queja de su padre. (MUÑOZ MOLINA, 2001a, p. 141)

De volta ao país depois de trinta e oito anos, Galaz é tão estrangeiro na Espanha quanto é nos Estados Unidos. Seus conterrâneos já não o identificam como espanhol, o personagem se sente um apátrida.

2. O exílio e a virada ética na ficção de Muñoz Molina

Nos últimos romances de Muñoz Molina, a dimensão ética suscitada a partir do tema do exílio ganha contornos mais nítidos. Em *La noche de los tiempos*, o autor conduz reflexões sobre como

um episódio histórico como a guerra torna mais palpável a efemeridade da vida, faz da existência algo provisório, suspenso, abala instituições até então sólidas, desloca identidades: “Qué rápido se acostumbra uno a no ser nadie y a no tener casi nada, ser tan sólo la cara y el nombre en el pasaporte y en el visado y no poseer nada más que lo que cabe en sus bolsillos y lo que lleva en la maleta [...]”. (MUÑOZ MOLINA, 2011, p. 541)

Em *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt (1989) aponta o paradoxo dos Estados-nação europeus que, instituídos sob a égide da Declaração dos Direitos do Homem do final do século XVIII, foram incapazes de garantir os direitos humanos das massas que, na primeira metade do século XX, deixaram de ser protegidas pela segurança de uma nacionalidade - a perda dos direitos nacionais significava a perda dos direitos como ser humano. O estrangeiro, na imagem criada por Kristeva (1994, p. 102) a partir das reflexões de Arendt, passa a ser uma “cicatriz” entre o homem e o cidadão. Pautando-se também pelo texto fundador de Arendt, Giorgio Agamben (1996, p. 43) pondera que, se para ser considerado cidadão de uma determinada nação é necessário nascer nela, torna-se difícil definir politicamente a figura do refugiado ou do exilado. Essas pessoas não tem seus direitos assegurados, mas tão pouco estão condenadas porque não são, de nenhum modo, contempladas dentro dos sistemas jurídicos dos estados-nação onde se encontram, não estão dentro, nem fora.

Na ficção, Muñoz Molina representa a vida do refugiado e do exilado problematizando essa condição sub-humana de não-cidadão, de homem sem direitos. Em *La noche de los tiempos*, em 1936, durante sua fuga para o exílio, o protagonista Ignacio Abel, de passagem pela França, depara-se com a massa de refugiados que, mesmo antes do estourar da Segunda Guerra já vagava pela Europa:

[...] apátridas con pasaportes Nansen de la Sociedad de Naciones a los que no les estaba permitido quedarse en

Francia pero a los que tampoco admitían en ningún otro país: los judíos alemanes, los rumanos o húngaros, los italianos antifascistas, los rusos lánguidamente resignados al destierro [...] unidos por el aire idéntico que les daba su extranjería, por la incertidumbre de los documentos y la espera de los trámites que siempre eran postergados [...]. (MUÑOZ MOLINA, 2011, p. 81)

Ao se defrontar com essa legião de seres humanos excluídos da cidadania, Ignacio Abel sente certo alívio por ser um exilado protegido por documentos legitimados pelo governo republicano espanhol, prestes a ser acolhido como professor visitante em uma universidade americana. Naquele momento, o protagonista ainda não havia se dado conta de que, em breve, os espanhóis se reuniriam àquela horda de apátridas. Entretanto, um pouco mais tarde, o personagem constata que, ser um refugiado de guerra no exterior é humilhante, é como ser portador de uma doença contagiosa, a “enfermedad española”. (MUÑOZ MOLINA, 2011, p. 557)

Para o protagonista, a experiência do exílio muda a percepção do real, a única realidade conhecida e possível é a guerra. A paz, na outra margem da fronteira, é a irrealidade, o sonho. O que distingue o exilado dos demais, o que o torna estrangeiro, não é a sua identidade pátria, mas o horror que ele viu e os outros não viram.

Mas é em *Sefarad* que o exílio deixa de ser apenas um dos temas que atravessam a narrativa de Muñoz Molina para ser a razão de ser de um romance. *Sefarad* é como se refere, na cultura judaica, à Espanha, entretanto, o enredo dessa obra não trata apenas da diáspora dos descendentes de judeus espanhóis expulsos do país em 1492. O personagem ícone dessa narrativa é o exilado, seja ele judeu, espanhol, americano ou europeu. Não apenas o exilado vítima da perseguição do século XV, mas, sobretudo os desterrados do século XX, expatriados do nazismo, do stalinismo, do totalitarismo italiano, da Guerra Civil Espanhola e das ditaduras da América Latina. Composta por dezessete relatos que podem ser

lidos separadamente como contos, embora seja inegável o sentido de unidade da narrativa, nessa obra, Muñoz Molina transforma figuras reais em personagens de ficção. O escritor apropria-se das “novelas” da vida real (MUÑOZ MOLINA, 2001b, p. 319) para compor sua “novela de novelas”⁵, e faz da memória a matéria constitutiva dessa narrativa. Cada um dos dezessete relatos está fundamentado sobre as memórias de um ou de vários personagens reais e fictícios, além das memórias do próprio autor. Através de fontes orais, conversas espontâneas e entrevistas, e de fontes escritas, livros de história, testemunhos, diários e autobiografias, o escritor recompila e reproduz experiências, memórias que expressam as diversas formas como o ser humano experiencia o exílio. Segundo o próprio autor, em entrevista por ocasião do lançamento da obra, *Sefarad* é “[...] un laberinto de historias de exilios y destierros [...]”, “[...] una enciclopedia de todos los exilios posibles, [...]”. (MUÑOZ MOLINA, 2001c, p. 1)

Nesse caleidoscópio de vidas desarraigadas, há representações dos mais diversos comportamentos: há os exilados que partem e, onde quer que vão, nunca deixam de se sentir estrangeiros; há os que retornam e se sentem estrangeiros em seu próprio país; há os que se sentem como portadores de doenças contagiosas; há aqueles que são submetidos a sucessivas diásporas; há os que anseiam desesperadamente por serem reconhecidos como cidadãos no país de exílio.

No relato *Sacristán*, o narrador-protagonista dá voz às memórias de um conterrâneo seu, um migrante andaluz que, sentindo-se exilado na capital de seu próprio país, procura desesperadamente preservar a herança cultural que o ata à sua região. No clube regional que frequenta em Madri, espaço de expressão da identidade andaluz, o personagem se vincula à sua província por meio da linguagem, da culinária, da arte e da religiosidade. Mais que um exilado no espaço, esse personagem é

⁵ Este é, em espanhol, o subtítulo do romance.

um exilado no tempo, e representa o traço melancólico que, segundo Kristeva, pode definir o estrangeiro:

Conhecemos o estrangeiro que chora eternamente o seu país perdido. Enamorado melancólico de um espaço perdido, na verdade, ele não se consola é por ter abandonado uma época de sua vida. O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada. (KRISTEVA, 1994, p. 17)

Ao analisar esse mesmo personagem em um estudo em que categoriza os tipos de exílio representados em *Sefarad*, Esther Navío Castellano (2010, p. 339), coloca o personagem Sacristán como um exemplo de “desarraigo temporal” ou “destiempo”.

Mas em *Sefarad* também há espaço para personagens que mantêm com os países de origem e de exílio relações opostas às retratadas em *Sacristán*. Camille Pedersen-Safra, personagem do relato *Copenhague*, é uma francesa de origem sefardita exilada desde a infância na Dinamarca. Ao retornar à França em busca de notícias de familiares desaparecidos durante a invasão nazista, a personagem sentiu que, em apenas quatro anos, aquele havia deixado de ser seu país. Na velhice, Camille Safra se declara uma dinamarquesa, não pela assimilação cultural, mas por gratidão à acolhida e à proteção oferecida pelo país.

Quien espera e Eres são relatos nos quais o leitor se depara com uma tensa e profunda reflexão sobre as vidas em suspenso de vários personagens da história europeia que aguardaram, angustiosamente, a detenção, a deportação ou a execução. Ao se dirigir ao leitor em segunda pessoa do singular na maior parte desses dois relatos, o narrador procura retirar esse leitor do conforto da vida contemporânea, transportando-o para os anos mais duros da vida na Europa, impelindo-o a se aproximar do drama de pessoas que, repentinamente, viram-se expulsas da vida que levavam, perseguidas por sua origem ou afiliação ideológica. Nesses relatos, são recuperadas as memórias de Victor Klemperer, Hanns Mayer (Jean Améry), Margarete Buber-Neumann e Heinz Neumann,

Evgenia Ginzburg, Milena Jesenska, Primo Levi, Walter Benjamin e Francisco Ayala.

Em *Oh tú que lo sabías*, o personagem Isaac Salama, judeu sefardita húngaro exilado em Tânger, encena a culpa do sobrevivente. Sua mãe e irmãs desapareceram em campos de extermínio húngaros e apenas ele e o pai conseguiram escapar graças a um salvo conduto espanhol concedido a judeus sefarditas. Ao confessar um profundo ódio pelos cidadãos húngaros que, durante a invasão nazista, assistiram passivamente ao holocausto judeu, o personagem representa outra faceta do comportamento do estrangeiro observada por Kristeva:

“Viver o ódio”. Frequentemente o estrangeiro formula assim a sua existência, mas o duplo sentido da expressão lhe escapa. Sentir constantemente o ódio dos outros, não ter outro meio social senão aquele ódio. [...] o ódio proporciona uma consistência ao estrangeiro. É contra essa parede dolorosa, mas segura – e, nesse sentido, familiar –, que ele se choca na tentativa de se afirmar para os outros e para si mesmo. O ódio o torna real, autêntico de alguma forma, sólido ou, simplesmente, vivo. (KRISTEVA, 1994, p. 21)

Isaac Salama faz do ódio seu escudo de defesa: ódio dos compatriotas húngaros; da origem judia por causa da qual foi expulso de seu país e que foi a razão da destruição de sua família; ódio da deficiência física que adquiriu em decorrência de um acidente de carro. Seu pai, no entanto, lida com a dor do exílio e a culpa do sobrevivente de outra forma, aproximando-se da religião e orgulhando-se da descendência judaico-sefardita.

Em *Sefarad* também há o relato daqueles que recusam o exílio. Em *Cerbère*, a esposa de um republicano perseguido durante a Guerra Civil Espanhola se nega a acompanhar o marido na fuga para o exílio. Prefere permanecer na Espanha e suportar as prisões, torturas e a estigmatização social a que eram submetidas as esposas dos republicanos.

No relato *Sherazade*, a personagem Amaya Ibárruri, filha de militantes comunistas enviada ainda na infância para o exílio na

União Soviética durante a Guerra Civil Espanhola, encarna o dilema do não-pertencimento: sente-se estrangeira tanto em Madri quanto em Moscou, nem o espanhol e nem o russo são suas línguas maternas. Segundo Kristeva (1994, p. 23), “assim, entre duas línguas, o seu elemento (do estrangeiro) é o silêncio”. Isso explica a preferência de Amaya por se calar:

Me pierdo en Madrid más de lo que me perdía en Moscú, y no me gusta preguntarle a la gente porque se me quedan mirando raro, a lo mejor por mi acento, o porque me ven pinta de extranjera, yo lo comprendo, de rusa, aunque no vaya a creer que en Rusia me ven menos rara que aquí. (MUÑOZ MOLINA, 2001b, p. 384)

Assim como o personagem de *Sacristán*, Amaya sofre do que Navío Castellano (2010, p. 339) chama de “desarraigo temporal” ou “destiempo”. Saudosa da vida em Moscou e do regime comunista da ex-República Soviética, a personagem relata sua devoção à figura de Stalin, exalta a participação do Exército da URSS na Segunda Guerra e lamenta a queda do regime. Ela ainda participa dos desfiles de 1º de maio e acumula em seu apartamento de Madri uma série de objetos que a vinculam ao país de exílio, adotado por ela como pátria.

Assim como nos primeiros romances de Muñoz Molina, o desejo de exílio voluntário, de expatriar-se, também surge em um dos relatos compilados em *Sefarad*. No relato *América*, Fanny, a filha de um professor republicano internada em um convento após a execução do pai e a prisão da mãe durante a Guerra Civil Espanhola, foge para os Estados Unidos, país idealizado por ela como sendo a terra da liberdade. Ao que parece, essa personagem ressurgiu anônima no último relato, *Sefarad*, como a velha secretária espanhola da *Hispanic Society of America* em Nova Iorque. Ironicamente, a jovem que queria desfazer-se da Espanha, passou a vida velando pelas recordações do país no exterior.

Segundo Kristeva, de acordo com a maneira como o estrangeiro se relaciona com a nação perdida e a nação ainda não incorporada, os expatriados podem ser classificados em duas categorias. Entre os que a autora chama de “ironistas” estão aqueles que sofrem pelo que perderam e se angustiam perante o que nunca lhes pertencerá, enquanto que os “crédulos” são “os que transcendem: nem antes, nem agora, mas além, eles são levados por uma paixão, certamente jamais saciada, mas tenaz, para uma outra terra sempre prometida, a de uma profissão, de um amor, de uma criança, de uma glória”. (KRISTEVA, 1994, p. 18)

Em *Dime tu nombre*, o narrador-protagonista, um funcionário público da secretaria de cultura de uma prefeitura de província, recebe diariamente artistas estrangeiros interessados em terem seus projetos artísticos financiados. Um dia, o funcionário se depara com um desses estrangeiros “crédulos”. O pianista romeno Gregor Andrescu, especialista em peças clássicas cujo tema é a Espanha, é um apaixonado pelo país a ponto de fugir da União Soviética para tentar a vida na nação que idealizou através da música. Esse homem apresenta com orgulho os documentos que comprovam a conquista da cidadania espanhola, apesar do contraste entre a carreira relevante que já havia construído em seu país e a sua condição de artista desvalorizado na Espanha. O pianista relata a primeira viagem que fez para fora do país depois de ter obtido a documentação espanhola, e o temor de não poder retornar por algum imprevisto com os seus documentos. Ao apresentar seus documentos e ter seu reingresso permitido, o personagem revela a satisfação de poder considerar-se definitivamente um cidadão espanhol.

Na repartição pública, o narrador de *Dime tu nombre* conhece também a titereira uruguaia Adriana Seligmann. Foragida de duas ditaduras hispano-americanas, a do Uruguai em 1974 e a da Argentina em 1978, a artista deixou Buenos Aires para ir a Madri depois que o marido se tornara desaparecido político. Na noite em

que seu marido é preso e em que tem de deixar a Argentina, Adriana deixa para trás não apenas o companheiro e a vida que havia construído em Buenos Aires, como também as cartas recebidas e escritas por seu avô em alemão, o que lhe permitiria recuperar a história de sua origem judia.

No relato que leva o mesmo título que a obra, Muñoz Molina parte da recordação de uma casa judia que havia no *alcázar* de sua cidade natal para recuperar a trajetória de perseguição dos judeus na Espanha, tentando aproximar o leitor da angustia vivida por um povo que, por mais de uma vez na história, viu a vida ruir. O autor menciona a crueldade da perseguição, a preocupação do povo judeu em manter sua cultura através das gerações e a diáspora dos sefarditas pelo mundo.

Nesse romance, o autor emprega ainda o termo exílio de forma metafórica, ampliando-o a situações vividas por alguns dos personagens como a infelicidade conjugal, a frustração profissional e artística, o isolamento infringido pelo vício ou por uma doença terminal.

3. Considerações finais

Ao abordar o exílio como temática recorrente na ficção de Muñoz Molina, notamos a virada de uma concepção do desarraigo como premissa natural da constituição do homem contemporâneo, para uma preocupação ética de representar, na literatura, os dilemas existenciais que a experiência de desarraigo pode provocar, sobretudo quando é imposta de forma violenta.

Do desejo de ruptura à necessidade de vinculação, o autor nos lembra que o exílio nem sempre é ruim e que, para além do desterro espacial há outros deslocamentos, como o exílio no tempo e na intimidade. Mas a insegurança política e econômica quase sempre atrelada à violência, atira pessoas para fora da estabilidade

de suas nacionalidades, tornando-as a escória da humanidade e gerando traumas nem sempre superáveis.

Ler a ficção de Muñoz Molina nos permite ler realidades históricas do passado e nos ajuda a entender o presente, sobretudo nesta época em que vivemos na qual, desde a Segunda Guerra, nunca houve tantas pessoas desterradas.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Política del exilio. Trad. Dante Bernardi. *Archipiélago, cuadernos de crítica de la cultura*, n. 26 – 27, p. 41 – 52, 1996. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=143>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MUÑOZ MOLINA, A. (1986). *Beatus Ille*. Barcelona: Seix Barral, 1994.

_____. (1987). *El invierno en Lisboa*. Barcelona: Seix Barral, 2010.

_____. (1989). *Beltenebros*. Barcelona: Seix Barral, 1989.

_____. (1991). *El jinete polaco*. Barcelona: Bibliotex S. L., 2001.

_____. (2001). *Sefarad*. Madri: Alfaguara, 2001.

_____. (2009). *La noche de los tiempos*. Barcelona: Seix Barral, 2011.

_____. “Es una enciclopedia de los exilios posibles”: libros. [7 de março, 2001] Madri: *El cultural*. Entrevista concedida a Nuria Azancot. Disponível em: <

<http://www.elcultural.com/revista/letras/Antonio-Munoz-Molina/1033>>. Acesso em 20 jun. 2016.

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 6, n. 1, 1º semestre, 2016.

NAVÍO CASTELLANO, Esther. Los múltiples rostros del exilio: *Sefarad*, de Antonio Muñoz Molina. In: CONGRESO INTERNACIONAL ESPACIOS Y ESCRITURAS DEL EXILIO, 2010, Madri. *Atas...* Madri, 2010. p. 326 – 345.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro M. Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46 – 60.

Recebido em 19/07/2016. Aprovado em 13/08/2016.

